

APRESENTAÇÃO

O corpo é som. O corpo biológico produz sons, barulhos, ruídos. Ouvindo o corpo podemos observar e descrever seus sintomas, identificar o lugar do qual o corpo fala e para quem fala. O que é audível no corpo é tudo aquilo que o corpo diz na forma da febre, da dor, da sede, da fome, do amor. Os sons do corpo como o ronco da barriga, o suspiro de alívio, o *atchim* do espirro, o tumbum do coração, o latejar quase inaudível da pulsação estão pulverizados em um domínio de ligações históricas. Cada barulho de um passo, mais forte, mais fraco, mais rápido ou de cautela, corresponde a uma intervenção da história de um presente íntimo com o momento do corpo e do sujeito que o faz ranger. Daí, o que era *a priori* biológico escorrega para o campo do discurso. Quando o som do corpo revela a história de um cotidiano comum temos o início da formação de uma bio-histórica, do corpo-história e, por sua vez, do corpo enquanto discurso, longa e forçosa “tarefa de ouvir o que já foi dito” (FOUCAULT, 1977, p. XV) pelo nosso próprio corpo na inter-relação com o corpo de outros sujeitos e com o corpo social.

O corpo é imagem. O corpo é descrito, analisado, convertido e modificado nas pinturas, na fotografia, no vídeo. As imagens do corpo na história do dia-a-dia se materializam nas formas e nos modos de ver o corpo. O corpo pode ser visto de frente, de trás, de cima, de baixo, por fora e também por dentro. O corpo que se olha nessas instâncias é o corpo da mídia, ou me referindo ao estudioso alemão Hans Belting (2006), o corpo é mídia. Isso me leva a considerar o corpo em um regime de visibilidades, que é regido e controlado por uma gama de leis e regulamentos disciplinarizantes, dizendo ao corpo como ele deve ser, agir, se mostrar e que imagens deve produzir sobre si. O corpo é imagem uma vez que da sua constituição fazem parte o olhar e o ver de uma determinada posição de sujeito. O corpo aqui, portanto, é discurso, porque não existe fora da instituição da qual pode ser visto.

O corpo é materialidade. Os barulhos do corpo e as imagens que ele produz se cercam de uma existência histórica. Considerando a discussão de Michel Foucault em sua “Arqueologia do saber”, depreendo que o corpo se configura, primeiro, por meio de uma materialidade de documentos tais como livros, textos, coleções, registros orais, cartografias médicas, costumes e tradições, que se articulam entre si e se organizam de forma a compor uma gama de documentos que sustentam e fazem com que os corpos se movimentem em breves, pequenos e particulares movimentos históricos. Segundo, o corpo se confirma em uma existência histórica, pois apresenta espaço e volume. O corpo ocupa um espaço geográfico, institucional e biopolítico. O seu volume, a meu ver, é a substância que o transforma em um suporte daquilo que pode ser visto e ouvido, que está presente e se dá a ver em um lugar e uma data específicos. Essas possibilidades é que fazem com que o corpo seja investigado do lado de um regime de visibilidades no quadro da história e no campo do discurso.

O corpo é um arquivo audiovisual. Som, imagem e materialidades compõem o canteiro daquilo que pode ser visto e enunciável. Tomando as discussões de Foucault (1977), ver e saber não são pares, são constituintes de um mesmo lugar histórico dos modos de se olhar para o corpo enquanto objeto de discurso. Para Deleuze (2004, p. 56) “o que Foucault espera da História é essa determinação dos visíveis e dos enunciáveis em cada época, que ultrapassam os comportamentos, as mentalidades, as ideias, e é isso que os torna possível.” Som e imagem fazem detonar um arquivo audiovisual ou, em outras palavras, as condições para o exercício do corpo em suas funções enunciativas no quadro de “coisas de um lado, acontecimentos de outro” (FOUCAULT, 2008 p. 146). Do lado do áudio, observamos no corpo o que pode ser dito pela sua voz e, diferentemente de

uma composição audiovisual que estabelece forçosamente a ligação entre objeto e som, como nos ensinou Chion (1993), o entrelaçamento de sons com o corpo faz parte de uma composição de justaposição, associação e dissociação intrínsecas ao estatuto do corpo enquanto dispositivo que enuncia o seu lugar no mundo. Do lado da imagem, podemos encontrar no visual a espessura histórica da constituição das modalidades do saber e a sua (in)visível produção de imagens que irrompem da genealogia familiar da história do cotidiano por meio de ecos de nossa cultura visual, como demonstra Courtine (MILANEZ, 2006) em seus estudos sobre a intericonicidade, noção que destaca a imagem em seus desdobramentos históricos a partir de cartadas e revelações de imagens sob as imagens, vistas e revisitadas nas memórias coletivas e seus quadros sociais (HALBWACHS, 1952, 2006).

O corpo é discurso. As práticas do ouvir e do ver no que tange o corpo são o suporte e o volume fundamental para que possamos situar o corpo no campo discursivo. O corpo, então, para ser alçado ao nível do discurso estaria na esteira de uma prática discursiva, ou seja, em “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam em uma dada época e para uma determinada área, social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 136). Essa modalidade enunciativa coloca o corpo em redes, cria novos campos de saber, delinea sujeitos do conhecimento. Que saberes, que conhecimentos o corpo vai produzir enquanto discurso? Que modos históricos, sociais, econômicos, geográficos e linguísticos o corpo vai fazer eclodir? Quais saberes dados pelo ver e pelo ouvir vão constituir as materialidades do discurso do corpo?

Essas inquietações é que parecem ter me feito mover as problematizações dos autores desse número intitulado “Corpo e audiovisual”. Cada estudo, nos domínios de suas subjetividades teóricas e percursos investigativos, apresenta possibilidades e vertentes para as quais podemos olhar, observar, analisar e interpretar o corpo e suas produções discursivas nos dias de hoje.

Nilton Milanez

Referências

- BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo. Uma nova abordagem à iconologia. In: **Revista Ghrebh**. Número 8. Centro interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia – PUC/SP, 2006.
- CHION, Michel. *La audiovisón*: introducción a un análisis conjunto de la imagen y el sonido. Trad. Antonio López Ruiz. Barcelona, Espanha: Ediciones Paidós Ibérica, 1993.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Les Éditions de Minuit: Paris, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Les Presses universitaires de France, Nouvelle édition, 1952.
- MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, Pedro (org.) **Estudos do texto e do Discurso**. Mapeando Conceitos e Métodos: São Carlos: Claraluz, 2006, p. 153-179.